

O Cerrado na Escola

A Educação Ambiental formal, parte da dinâmica da escola, deve ter uma pedagogia clara e bem delineada. Como vimos no capítulo 3, as dimensões pedagógica e curricular prioritariamente desenvolvidas nas escolas contemporâneas, encontram-se intrinsecamente ligadas a práticas que priorizam a racionalidade do aluno. Por isso, gostaríamos de esclarecer que a proposta que apresentamos, apesar de apresentar pontos teóricos e procedimentais que fogem desta prioridade, não deixa de ser uma proposta metodologicamente definida, pois, para nós, nada melhor que um bom método. Talvez seja difícil para alguns educadores entenderem, acostumados que estão com uma Educação Ambiental que se fundamenta unicamente na exploração do espaço externo, ou seja, mais voltada ao aspecto *ambiental*, vislumbrar uma pedagogia para esta área que tenha início no aspecto *educacional*, entendendo que se a relação homem-natureza representa a intencionalidade da ação humana no ambiente, essa intencionalidade diz respeito ao processo educativo.

A proposta em questão, portanto, não sugere que a Educação Ambiental abandone o objetivo de fazer de cada aluno um sujeito sensível às questões relativas ao ambiente, demonstrando atitudes de respeito às espécies vivas, aos recursos naturais, ao planeta, enfim. Não perdemos de vista este fim último da Educação Ambiental, apenas reconhecemos que etapas importantes estão sendo abandonadas para que a construção desse sujeito seja possível.

Por meio da ciência geográfica, por exemplo, muitos estudiosos, pesquisadores, educadores, têm se esforçado para criar, nas novas gerações, o compromisso com a sociedade da qual fazem parte e da qual não devem esquecer os dilemas e problemas gerados nas relações dos humanos com a natureza e com eles mesmos. A cada dia, nos deparamos com situações em que o conhecimento geográfico é colocado em prática, tendo grande influência no conhecimento do mundo atual e das transformações nele provocadas. A Geografia nos leva à consciência do mundo onde vivemos e, ao lado da Ecologia, tem representado um importante espaço de debate, análise e pesquisa, estando a favor do conhecimento e do entendimento da realidade eco-sócio-espacial em que vivemos e re-construímos/destruímos a cada dia.

O paradoxo “construir o mundo destruindo-o”, é o que nos chama a atenção. Como podemos ser formados/educados para colaborar com o progresso do mundo, seu crescimento e possibilidades, se os meios para atingir tal finalidade são, via de regra, destruidores deste mesmo mundo que desejamos ver edificado? Como educadores, como podemos ficar alheios a este paradoxo? Assim nasce nossa proposta que Tozoni-Reis (2004), de maneira sucinta, traduz a intenção. Olhando de perto, os fundamentos de nossa proposta não são novidade, pois sempre estiveram presentes nos principais documentos que registraram as representações sociais dos pensadores que primeiro conceberam a escola como espaço primordial à prática Educação Ambiental¹.

Temos, em primeiro lugar, a idéia de que a formação dos educadores ambientais é um processo de desenvolvimento do indivíduo. A ênfase na transmissão de valores e no desenvolvimento de atitudes como tarefa da educação ambiental, a preocupação com a formação cultural e, principalmente, o conteúdo dos valores/atitudes e da formação cultural, são os principais indicadores da representação de educação como desenvolvimento individual. Aqui, educação diz respeito à formação, mas relacionada à subjetividade humana. (TOZONI-REIS, 2004, p. 76).

A autora afirma, ainda, que “a somatória de indivíduos espiritualmente equilibrados produz uma sociedade equilibrada, garantindo as condições necessárias para o equilíbrio ambiental” (TOZONI-REIS, 2004, p. 77), verdade que, igualmente, sustenta nossa proposta. Normalmente, temos a idéia de que a educação, mais especificamente o ensino, tem caráter informativo, de que os conhecimentos têm papel organizador da vida em sociedade, e o indivíduo é educado, segundo esses princípios, para atingir sua realização como pessoa.

A idéia de preparação para os papéis sociais já estabelecidos pelos valores universais de organização da sociedade, também está presente nesta concepção educacional. Em síntese, a preparação estritamente intelectual dos alunos/indivíduos é a marca dessa concepção. Nesse contexto, à educação, em sua particularidade ambiental, cabe a preparação intelectual dos indivíduos, pela transmissão dos conhecimentos acumulados ao longo do tempo, os quais, após apropriados, deveriam capacitá-los para conviverem de maneira harmônica e respeitosa com os demais seres do ambiente. Em outras palavras, é a idéia de que *conscientização* se esgota na *aquisição*, pela *transmissão de conhecimentos*, no caso, conhecimentos acerca do ambiente.

¹ Cf. Capítulo 3.

Aqui reside, ao nosso ver, o grande equívoco da Educação Ambiental escolar. Por isso, nossa proposta sugere outros caminhos. Podemos afirmar que o grande sentido desta proposta de Educação Ambiental, direcionada aos educadores das escolas e fundamentada na re-visão dos saberes ignorados pela sociedade tecnocrata, encontra-se nas palavras de Cury (2003, p. 66) quando salienta que “bons professores ensinam seus alunos a explorar o mundo em que estão, do imenso espaço ao pequeno átomo. Professores fascinantes ensinam os alunos a explorar o mundo que são, o seu próprio ser”. Estamos certos de que as escolas estão repletas de *bons professores* os quais foram formados para ensinarem seus alunos a explorarem e conhecerem o mundo exterior, mas, como vimos, esta conduta metodológica em Educação Ambiental nada, ou quase nada, tem contribuído para estabelecermos mudanças de conduta que construam tempos de ética, respeito e harmonia na Terra.

Por isso, nossa proposta convoca os educadores a superarem o título de *bons professores* e a se abrirem ao *professor fascinante* que existe em cada um, aquele que, como tantos, entendeu que, se há uma chance para a Terra, ela não se encontra unicamente em ações externas, em leis e decretos, em livros didáticos devidamente lidos e respondidos, em programas e projetos cumpridos no prazo, em mudanças de linhas ideológicas de governos que se sucedem, em belos discursos ou em frios dogmas de fé. Se ainda temos chance, ela deve estar sufocada em cada ser humano que, desde muito cedo, foi acostumado a desconsiderar suas emoções, sua história, seus vínculos afetivos, sua essência e sua cultura. Portanto, os professores fascinantes pensados pelo autor, precisam promover um despertar urgente dessas dimensões, e, começando por si, deixar que cada criança colocada em suas mãos e sem seu coração, desperte para “outros modos de vida” e para outros “caminhos possíveis”.

O resgate de valores poderá colaborar, inicialmente, com o que o autor chama de “educar para a emoção”, que “é mais complexo do que trabalhar com os mais intrigantes cálculos da física e da matemática” (CURY, 2003, p. 66). Educar a emoção é “estimular o aluno a pensar antes de reagir, a não ter medo, a ser líder de si mesmo, a ser o autor de sua história, a saber filtrar os estímulos estressantes e a trabalhar não apenas com fatos lógicos e problemas concretos, mas também com as contradições da vida” (CURY, 2003, p. 66).

Podemos acrescentar: é dar oportunidade ao aluno para que exerça sua sensibilidade e sua solidariedade, é mostrar a ele que tudo está ligado a tudo, e que, acima desse Tudo, existe um arquiteto, um maestro, um artista que tudo criou e que nos

deu a opção de continuar ou destruir sua obra. É aprender a correr riscos para perseguir os ideais, doar sem esperar retorno, ser fiel à sua consciência, extrair prazer dos pequenos estímulos da existência, saber perder. É, ainda, ter a capacidade de valorizar o que realmente tem valor à nossa essência, a capacidade de experimentar a felicidade que nasce do interior, que brota das pequenas coisas, dos gestos sinceros e desinteressados.

Em síntese, todas essas habilidades poderão ser adquiridas se passarmos a ouvir a voz de uma geração que, apesar de ter sido marginalizada em seus valores, tem, ainda, sua memória preservada e repleta de bons caminhos a serem seguidos. Acreditamos, por nossa experiência, que nossas escolas, assim como grande parte das famílias, e as religiões, não têm conseguido educar a emoção, por isso, estão gerando, via de regra, jovens insensíveis e alienados.

Trata-se de uma proposta que pode parecer difícil de ser implantada até que sejam abertos os olhos do coração, dos sentimentos e da sensibilidade, e, pela nossa experiência, existem muitos professores nesta condição, esperando, talvez, uma oportunidade para se expressarem. Outros, também sentindo necessidade de transformações, poderão ver dificuldades pelo fato de seu paradigma de educação formal, sala de aula, currículo, conduta docente, ter sido construído em bases equivocadas. Além disso, os professores de uma dada escola, estão inseridos num contexto maior, que é a estrutura educacional da qual fazem parte e que, muitas vezes, limita suas ações. Então, como será possível a aplicação de tal proposta? Partindo da realidade que se tem e dos educadores que nela desenvolvem seu trabalho.

Propomos que a Educação Ambiental seja uma forma de educar a emoção para construir seres humanos capazes de amar, respeitar e cuidar de sua “casa”, considerada desde os espaços de vivência mais próximos, até os mais distantes lugares da Terra; e de seus *irmãos*, cada ser e cada elemento natural que com eles compartilham a magia da vida. Um planeta sem fronteiras, pelo menos no imaginário e na ação destes futuros cidadãos planetários.

Como vimos anteriormente, indivíduos com estas características, estarão mais preparados para assumir cargos de gestão dos interesses públicos, de condução da vida política de suas comunidades; poderão ser profissionais liberais ligados às diversas áreas, cuja atuação concorra para o bem-estar coletivo; tornar-se-ão educadores ou líderes religiosos direcionados pela humildade de quem vê em sua missão uma oportunidade de servir, e não apenas um instrumento de sustento material; conduzirão seu papel de industrial, empresário ou fazendeiro com a sensibilidade de quem entende,

ou, melhor ainda, sente que existe um sentido único para a existência de todos os seres, e que, por isso, todos merecem respeito. Enfim, serão pessoas que dão o melhor de si apesar das adversidades – e até por causa delas –, sem esperar condições favoráveis para amar a vida nas diversas maneiras em que ela se apresenta.

Portanto, nossa proposta não comunga com a alienação e com o romantismo ingênuo de quem acredita ser possível organizar a sociedade sem as dimensões política e econômica, por exemplo. Sabemos quão importantes são, mas não podemos deixar de constatar que, atualmente, essas dimensões não têm respondido aos desafios a elas colocados, o que pode ser uma consequência do fato de os homens e mulheres “públicos”, salvo algumas exceções, não terem sido educados para a ética, aliando razão e emoção como partes essenciais do saber, como propomos.

Em nossa proposta, a emoção “educada” por meio dos saberes tradicionais, deverá incluir as dimensões discutidas no capítulo 4, que são: a vida em comunidade, que, na escola, será traduzida na prática do afeto e da amorosidade como partes importantes do processo de aprendizagem e convivência em geral; a saúde vista em sua perspectiva holista; o respeito ao meio como consequência de uma visão biocêntrica da vida, e, ao mesmo tempo, de uma crítica ao antropocentrismo; a ênfase na valorização da cultura popular como algo além do simples entretenimento; o estímulo à espiritualidade que, praticada pelas diversas crenças existentes ou não entre os alunos, é, a nosso ver, parte dessa Educação Ambiental envolvente e sinérgica, que considera o “ambiente-aluno” o ponto de partida da preservação dos demais ambientes.

Nossa proposta será estruturada na forma de *ações* que julgamos difícil limitar em títulos como *atividades*, por exemplo, porque, na verdade, cada ação traz consigo a possibilidade de inúmeras atividades. Além do mais, trata-se de uma proposta aberta, que tem o propósito de mostrar caminhos possíveis, mas que, acima de tudo, conta com a participação dos educadores para adquirir cor e movimento. Em cada ação, os saberes tradicionais enfatizados acima, aparecerão, ora isolados, ora sobrepostos.

Outra observação importante é que, nesta proposta, consideramos a realidade das escolas que trabalham com as séries iniciais, respeitando o que foi dito pelos professores quanto à prioridade curricular de ensinar a ler, escrever e fazer contas. Como afirmamos, a proposta parte da escola que temos e dos educadores que nelas desenvolvem seu trabalho. Por isso, cada ação aqui sugerida pode e deve ser implementada em qualquer momento da vida escolar, em sala de aula ou não, com outras turmas ou não, sem dia marcado. Os educadores, depois de se envolverem com a

proposta, saberão a hora certa de lançar mão das idéias, pois o foco passará a ser o que antes ficava na sombra do fazer pedagógico. O mais importante da Educação Ambiental será o aspecto *educacional*, ou seja, o estímulo ao desenvolvimento de valores que transformem o coração/sentimentos dos alunos, e isso pode ser feito ao ensinar matemática, português, ou qualquer outra área do conhecimento formal.

5.2.1- Capacitando o coração

Só poderemos começar a pensar e a praticar uma Educação Ambiental que propõe uma metodologia ao avesso da que temos hoje, partindo da realidade existente, a qual inclui os educadores e as atividades que desenvolvem, como mencionamos. Por isso, o início da travessia da ponte vai requerer, em primeiro lugar, o desejo de atravessá-la, e, em seguida, a abertura ao novo que ela pode revelar. Em seguida, muita leitura. Nossa tese, acreditamos, pelo fato de sintetizar o pensamento de diversos autores que tratam de importantes temas referentes à Educação Ambiental formal e aos saberes tradicionais, pode representar um referencial teórico/histórico aos educadores. Além dela, outras tantas referências poderão acrescentar dados a este estudo.

Desejo e abertura, reafirmamos, serão os passos iniciais de quem acredita numa Educação Ambiental que se apóia nos valores iniciados em outros momentos históricos e por outras pessoas que nos antecederam, mas que deixaram um legado de respeito e ética, capaz de nos orientar nessa construção. Para nos abrir a estes valores, teremos que nos abrir a nós mesmos, em primeiro lugar, ouvindo nossa dimensão mecanizada carente de sentimento e aproximação afetiva. Acreditamos muito naquela máxima: para preservar a natureza, precisamos amá-la. Nas palavras de Rubem Alves:

mundos melhores não são feitos, eles nascem. E nascem de onde? Do amor. O único poder de onde as coisas nascem. Já conhecemos demais, muito mais do que usamos. Se usássemos um décimo do que sabemos, o mundo seria maravilhoso. O que nos falta não é conhecimento. É amor. Para isso sou educador. Desejo ensinar o amor. (RUBEM ALVES, 2004, p. 62).

Portanto, a proposta de “capacitar o coração” é direcionada aos educadores e representa o primeiro passo na metodologia que propomos. Este primeiro momento talvez seja o mais demorado, o mais trabalhoso. Não tem um tempo determinado para acontecer, pois vai depender de cada educador e sua história de vida, e terá como

terreno fértil a frustração e a angústia do profissional que sonha com uma escola diferente, com uma educação que trilhe outros caminhos. Portanto, será preciso passar pelo momento da dor, do vazio, aquele que, por ser repleto de dúvidas e desprovido de respostas, faz com que o educador se mobilize em busca de algo que lhe dê, pelo menos, um pouco de bem-estar.

Buscando este significado, uma cena na rua nos chamou atenção. Uma moça de aparência simples levava pela mão uma criança, bem vestida e nitidamente portadora de deficiência mental. Concluimos que seria uma babá levando a criança para a escola. A criança ria, aquele riso distante dos que não têm a mesma referência do mundo “normal”, e a moça ria com ela, fazendo-lhe gracejos para que continuasse rindo. As duas estavam felizes, tamanha a serenidade dos gestos, do olhar de uma para a outra. Sem constrangimentos, sem exageros, apenas riam. É muito fácil rirmos e nos divertirmos com uma criança sadia, alegre, ruidosa, mas uma criança portadora de deficiência quase sempre nos causa incômodo ou indiferença. Aquela criança poderia seguir apenas rindo do nada, segurada pela mão que cumpria seu dever de empregada, mas não, ela estava sendo cuidada, considerada pelo olhar da moça que acolhia e compartilhava o seu riso sem sentido. Então consideramos: isso é amor, um acolhimento incondicional do outro, exatamente como ele é.

Ficamos imaginando onde aquela moça teria aprendido a ser tão sensível. Pelos seus trajes e sua função, poderíamos imaginar que não freqüentara muitos bancos escolares. Mas, estava visivelmente em harmonia com aquela criança, compartilhava sua dimensão, seu momento, seu jeito de ser, criando-lhe um mundo especial, pois a criança marcada pela debilidade não é invulnerável à indiferença e à dor, acreditamos. Seu riso pode ser sem razão, mas obviamente não é uma expressão de sofrimento. E aquela moça agia espontaneamente, com uma sensibilidade natural que não vinha de nenhum código de valores sociais que determinasse como tratar criaturas indefesas. Era apenas uma atitude amorosa, uma opção pela alegria, não aprendida em manuais, mas vinda do coração.

A harmonia com a criança era originada, com certeza, de uma harmonia interior que a moça carregava em seu coração e que, ao nosso ver, tem relação com a simplicidade expressa por ela. Quando não nos vemos aprisionados pelo apego a coisas externas, abrem-se espaços internos para a disseminação da paz, da harmonia e da alegria de viver. Lembramos de uma história descrita por Anthony de Mello (2003) que fala da riqueza de ser desapegado.

Um hindu tinha chegado aos arredores de certa aldeia e aí se sentou para dormir, debaixo de uma árvore. Chega correndo, então, um habitante daquela aldeia e diz quase sem fôlego: “Aquela pedra! Eu quero aquela pedra!” “Mas que pedra?”, pergunta-lhe o hindu. “Ontem à noite, eu vi meu Senhor Shiva e, num sonho, ele me disse que eu viesse aos arredores da cidade, ao pôr-do-sol; aí devia estar o hindu que me daria uma pedra muito grande e preciosa que me faria rico para sempre”. Então o hindu mexeu na sua trouxa e tirou fora a pedra e foi dizendo: “Provavelmente é desta que ele te falou; encontrei-a num trilho da floresta há alguns dias atrás; podes leva-la!” E assim falando, ofereceu-lhe a pedra. O homem olhou maravilhado para a pedra. Era um diamante e, talvez, o maior jamais visto no mundo, do tamanho de uma cabeça humana! Pegou, pois, o diamante e foi-se embora. Mas quando veio a noite, ele virava de um lado para o outro em sua cama e nada de dormir. Então, rompendo o dia foi ver de novo o hindu e o despertou dizendo: “Eu quero que você me dê essa riqueza que lhe tornou possível desfazer-se de um diamante tão grande assim tão facilmente!”

Continuamos imaginando nossas escolas ocupadas por educadores com habilidades como as daquela moça, além de outras próprias de sua formação, e da riqueza da simplicidade, do desapego demonstrado pelo hindu, que nos permite ver o outro. Ao mesmo tempo em que vislumbramos essa realidade como um horizonte muito distante, também nos lembramos que a moça e o hindu, poderiam ser qualquer um de nós, qualquer educador que trabalha em qualquer escola do planeta.

Há muitos educadores com estas características espalhados por aí, que já fazem um belo trabalho com as crianças, que já exercem a Educação Ambiental que acreditamos, sem, muitas vezes, ter noção de que estão preparando seus alunos para cuidarem do planeta mais tarde. Educadores que, mesmo limitados pelas “grades” curriculares, pelos conteúdos programáticos e pelo livro didático, conseguem atravessar os caminhos da educação bailando levemente com seus alunos ao som de uma canção cantada no dia-a-dia, cujas notas musicais são o afeto, o carinho, a ternura e o cuidado. O amor, enfim.

Mas há, infelizmente, um número bem maior de educadores que se encontram fechados unicamente no aspecto racional da educação, não percebendo que as atitudes de um ser amoroso vêm do coração, da harmonia com o outro, da percepção do outro como extensão de si. E este outro pode ser uma pessoa, uma planta, um animal, um rio, enfim, qualquer ser é digno desse amor, pelo simples fato de existir. E como ensinar a arte da sensibilidade, do acolher e cuidar do outro, do amor incondicional?

Podemos começar observando o que se faz no sentido inverso, ou seja, como o processo educacional ensina a criança a negar seus sentimentos espontâneos em vez de expressá-los e valorizá-los. Quem nunca ouviu ou falou: *engula o choro, abafe o riso, homem não chora, não está doendo nada, coma sem vontade, durma sem sono, acorde com sono, não diga bobagens, chega de por quês?* São expressões que bloqueiam a auto-estima, confundem a auto-percepção e não é possível ser sensível com o outro quem não o é consigo mesmo. Quem não sabe o significado dos seus próprios sentimentos, não saberá o do outro. Quem não sente amor por si, não sentirá pelo outro. Quem não cuida de si, não cuidará do outro.

Seguindo o mesmo raciocínio, acreditamos que o educador que não está disposto a rever seus valores, sua escala de prioridades e sua concepção de educação e Educação Ambiental, também terá dificuldade para se abrir a um novo conjunto de conceitos e visões, propostos pelos saberes tradicionais. Por isso, o primeiro passo desta proposta é a sensibilização, a capacitação do coração. Pensamos em grupos de educadores reunidos no Núcleo de Pesquisa em Educação Escolar da UNIPAC/Araguari, como mencionamos anteriormente, ou em escolas. Os encontros serão divididos entre estudos, vivências, trocas de experiências e atividades que os coloquem em contato com os valores tradicionais que trazem consigo e com pessoas que possam ajudar neste resgate.

Pensamos em outros encontros na Associação Nova Esperança, idéia que compartilhamos com os associados e que foi prontamente aceita. É impossível esquecer a marca deixada pelo encontro realizado como parte do trabalho de campo e que já descrevemos. Contatos com outros agricultores familiares poderão ser planejados, pois, nesta etapa, este “estar junto” à natureza e aos saberes e práticas desse povo simples, será fundamental, considerando toda a bagagem cultural que construíram e da qual não abriram mão, como acompanhamos no capítulo 4.

Fundamental aqui será, igualmente, a aproximação com os saberes dos povos originários, como descrevemos no capítulo anterior, não apenas por ocasião do dia do índio, mas fazendo de sua história, de seus costumes, de sua cultura e de seu caminhar pela Terra, que sabiamente coloca no mesmo nível de importância a matéria e o espírito, material cotidiano de reflexão e inspiração para a vida dos educadores.

Quanto ao material teórico, além da própria tese e de obras de outros autores, estamos selecionando, há algum tempo, livros diversos que aprofundam a necessidade do encontro entre educação e afeto; outros de histórias infantis com mensagens voltadas

ao nosso objetivo, CD's e DVD's com documentários e músicas, todos voltados ao propósito de iniciar um aprofundamento da Educação Ambiental como re-estruturadora de valores, como questionadora dos gestos mecânicos propostos, muitas vezes, por ela mesma, em sintonia com a sociedade racional que a criou. Na verdade, o material selecionado poderá ser usado em qualquer uma das ações propostas por nós. Uma lista de parte deste material e a descrição sintetizada de cada um, encontra-se no anexo 2 deste trabalho.

Destacamos, especialmente, para esta etapa, obras como: *Educação: a solução está no afeto* (2004), e *Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações*, (2003), ambas de Gabriel Chalita; *A linguagem do afeto* (2005), de Celso Antunes; *Tempo: saudades e esquecimentos* (2003), de Fábio de Melo; *De lagarta a borboleta: um caminho para a transformação interior* (2004), de Maria Sallette e Wilma Ruggeri; *12 semanas para mudar uma vida* (2004), de Augusto Cury.

5.2.2- Fazendo arte

Sempre nos intrigou o fato de alguém se dirigir a uma criança que, teoricamente, está fazendo algo errado e dizer: “pare de fazer arte, menino!” Por que a expressão “fazer arte” se confundiu com “fazer coisa errada”? Não temos resposta para esta pergunta. Questionamos alguns colegas artistas, mas não obtivemos uma resposta objetiva. Em nossa intuição, pensamos que a ligação entre as idéias de “fazer arte” e “fazer coisa errada” surge no momento em que a visão essencialmente racional obscureceu o olhar para outras dimensões do humano, passando a considerar inútil, desnecessário e até “errado”, em alguns casos, atribuir valor a outras atividades diferentes daquelas ligadas à ciência investigativa, sustentada pela lógica matemática.

Em outras palavras, a partir do momento em que a vida e o homem passam a ser fragmentados em sua essência, certas dimensões são privilegiadas, ao mesmo tempo em que outras são marginalizadas. Normalmente, como vimos no capítulo 2, as dimensões que tratam de aspectos subjetivos e emocionais, por serem de difícil compreensão à lógica matemática, são desconhecidas como pertencentes ao ser humano, e as artes, de um modo geral, levam as pessoas a uma interiorização, a um contato com essas dimensões vistas como “sem valor”.

Recorremos, novamente, aos PCN's que tratam do ensino de arte nas escolas (2000), e nos inteiramos de que, em outros momentos da história, o ser humano se organizava e classificava os fenômenos da natureza, o ciclo das estações, os astros no céu, as diferentes plantas e animais, as relações sociais, políticas e econômicas, para compreender seu lugar no universo, buscando o significado da vida. Para isso, utilizava tanto da ciência quanto da arte, pois ambas expressavam as representações imaginárias das diferentes culturas. Portanto, nas antigas sociedades tradicionais, a arte integrava a vida dos grupos humanos, impregnava os ritos, cerimônias e objetos de uso cotidiano, e a ciência era exercida por curandeiros, sacerdotes, fazendo parte de um modo mítico de compreensão da realidade.

“A idéia de ciência como disciplina autônoma, distinta da arte, é produto recente da cultura ocidental” (PCN's-Arte, 2000, p. 33). Nos séculos que sucederam o Renascimento, arte e ciência eram cada vez mais consideradas como áreas de conhecimento totalmente diferentes, gerando a idéia de que a ciência seria produto do pensamento racional e a arte, pura sensibilidade. No entanto, para os autores dos PCN's-Arte, tanto uma como a outra são ações criadoras na construção do devir humano. Os dinamismos do homem que apreende a realidade de forma poética e os do homem que a pensa cientificamente, são vias peculiares e irredutíveis de acesso ao conhecimento, mas, ao mesmo tempo, são dois aspectos da unidade psíquica.

Por tudo isso, a segunda ação que propomos tem o título “Fazendo arte”, pois consideramos de fundamental importância a interiorização e a percepção emocional proporcionadas pela arte, além de desejarmos enormemente que os educadores desafiem o paradigma racional com este convite: Vamos fazer arte? Sair do padrão convencional pensado para um educador? Desafiar nossa tendência de esconder os sentimentos e emoções? Mostrar ao nosso aluno, sem medo de perder a autoridade, que também somos feitos de emoção e que desejamos compartilhá-la com eles?

Comungamos com as seguintes palavras:

apenas um ensino criador, que favoreça a integração entre a aprendizagem racional e estética dos alunos, poderá contribuir para o exercício conjunto complementar da razão e do sonho, no qual conhecer é também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar duro, esforçar-se e alegrar-se com descobertas. (PCN's-Arte, 2000, p. 35).

Fomos conhecer de perto um projeto desenvolvido por dois professores do Conservatório Estadual de Música de Araguari, Maria Teresa de Beaumont e Antônio César Rosa. O projeto, “Música na Escola”, traz a memória como um dos eixos temáticos. Os professores contam que tudo começou com os ensinamentos de Lídia Hortélio, pedagoga musical, com quem fizeram uma oficina.

“Ela tinha um gravador e quando ia ensinar uma canção, caso alguém cantasse diferente – alguma alteração na letra, no ritmo ou na melodia – ela logo gravava. Certamente, ela deve ter dito que fazia isso onde quer que fosse. Só sei que aqui também começamos a fazer assim, quando as professoras se lembravam da canção que ensinávamos, mas com alguma alteração, gravávamos”. (MARIA TERESA)